

# AO SABOR DO MERCADO

## 1994

Começa a vigorar o mais radical programa de indexação de preços já feito no Brasil. Os preços em cruzeiro real foram convertidos em Unidade Real de Valor (URV) e passaram a ter correção diária. Aos poucos, os preços ficaram estabilizados em URV. O terreno estava preparado para a mudança de moeda. O Negociador da dívida externa, Pedro Malan, foi indicado presidente do BC pelo então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. A equipe de renomados economistas trazida por FHC para o governo começa a preparar um novo plano econômico. Nela, um jovem professor da PUC do Rio, Gustavo Franco, começava a despontar. A URV, que promovia a indexação total da economia a uma cesta de índices de preços, é lançada em 15 de março de 1994. E a nova moeda, o real, ganha as ruas em 1º de julho. FH lança-se candidato a presidente da República. O real é um sucesso, chega a ser cotado a 83 centavos de dólar, e o ajuda a se eleger. O consumo, especialmente de automóveis importados, assusta o governo. Passadas as eleições, a solução encontrada pela equipe econômica foi aumentar as alíquotas de importação do produto.

## DEZEMBRO DE 1994

A crise chega ao México. Os investidores estrangeiros, assustados, começam a evitar os mercados emergentes, especialmente os da América Latina. Só do Brasil, saem US\$ 1,1 bilhão. As bolsas brasileiras, que subiam embaladas pela entrada de dólares, entram num período difícil e as cotações começam a ceder.

## MARÇO DE 1995

O governo adota a política de bandas, limite máximo e mínimo, dentro das quais a cotação do real em relação ao dólar poderá flutuar. É a primeira grande mexida na âncora do plano.

## JULHO DE 1995

O governo baixa um novo pacote desindexando preços, salários e contratos.

## AGOSTO DE 1995

O Banco Econômico, principal instituição baiana, é liquidado pelo Banco Central.

## NOVEMBRO DE 1995

É a vez do Banco Nacional ser liquidado pelo Banco Central. Em seguida, a parte boa da instituição é vendida para o Unibanco, que recebe uma ajuda em dinheiro do BC para assumir as agências e os correntistas do banco falido. Nasce o Proer, o programa de socorro aos bancos em dificuldades financeiras.

## MAIO DE 1997

A Companhia Vale do Rio Doce é privatizada.

## JULHO DE 1997

Gustavo Loyola, presidente do Banco Central, deixa o governo. Para ocupar seu lugar, o presidente Fernando Henrique Cardoso escolhe o então diretor da área internacional do BC, Gustavo Franco, um dos idealizadores do real. A nomeação bate direto no ministro das Comunicações, Sérgio Motta. Gustavo Franco foi o primeiro integrante da equipe econômica a ser atingido pela artilharia de Motta, por defender o compromisso do governo com a estabilidade econômica e o abatimento da dívida pública com recursos arrecadados com a privatização. Motta queria que parte do dinheiro da privatização fosse destinado a investimentos. A escolha de Franco animou os investidores, pois significava que não haveria qualquer mudança na política cambial, a principal âncora do Plano Real.

## OUTUBRO DE 1997

A crise da Ásia, que ameaçava se alastrar desde julho, chega finalmente ao Brasil. Os investidores estrangeiros passam a vender reais e comprar dólares para levar o dinheiro para casa, forçando o Banco Central a vender cerca de US\$ 10 bilhões para segurar o real. Para acalmar os investidores, o governo decide dobrar as taxas de juros. O BC precisou gastar, no dia 28, aproximadamente US\$ 4 bilhões das reservas cambiais brasileiras, em oito leilões, para manter o valor do real. Gustavo Franco comemorou: "O Brasil real continua exatamente onde estava. E os vencedores estão aqui, somos nós, o Banco Central".

## NOVEMBRO DE 1997

O governo anuncia um pacote com 33 medidas para equilibrar as contas públicas e diminuir o déficit fiscal. As

alíquotas do Imposto de Renda sobem e o governo decide cortar o orçamento de 1998. O Banco Central gasta R\$ 5 bilhões das reservas cambiais para manter o valor do real frente ao dólar. O presidente Fernando Henrique Cardoso tinha um enorme problema (falta de divisas) e apenas duas alternativas para solucioná-lo: o pacote fiscal ou a desvalorização do real. Não eram poucas as pressões para que o presidente adotasse essa saída, sob o argumento de que o México fez o mesmo em 1994, deu a volta por cima e virou uma praça financeira novamente atraente. Enquanto isso, praticamente apenas Brasil, Argentina e Hong Kong insistiam em não tocar na paridade de suas moedas com o dólar.

## DEZEMBRO DE 1997

O presidente Fernando Henrique Cardoso estava otimista com a queda da taxa de juros. Em Brasília, no entanto, Gustavo Franco era mais cauteloso. "Vai depender de eventos externos e internos", argumentou, referindo-se à aprovação das reformas constitucionais no Congresso e à superação da crise asiática. Mas o tempo na Ásia permanecia ruim. As bolsas da região voltaram a despencar — 5,46% em Seul, 5,45% em Hong Kong, 2,6% em Tóquio. A moeda da Coréia do Sul foi desvalorizada pelo segundo dia consecutivo em 10%.

## JANEIRO DE 1998

As taxas de desemprego atingem patamares nunca alcançados. A inadimplência também. Os juros altos e a necessidade de recompor as reservas internacionais estavam atraindo para o Brasil os capitais especulativos, dinheiro que chega ao país para obter ganhos fáceis e rápidos, sem compromissos com o desenvolvimento da economia nacional a longo prazo. Só em dezembro de 1997, os fundos de renda fixa destinados a investidores estrangeiros receberam US\$ 327 milhões, mais do que a soma dos ingressos registrados nos 35 meses anteriores. "Na hora do incêndio, não se discute a qualidade da água", disse Gustavo Franco, logo depois da crise asiática.

## AGOSTO DE 1998

A Rússia anuncia moratória de sua dívida.

## SETEMBRO DE 1998

Com o Brasil sob suspeita de ser mau

pagador, bolsas caem e US\$ 3,5 bilhões vão embora. No dia 3, o pânico tomou conta do mercado financeiro e das bolsas de valores, levando a crer que dias piores viriam. A Bolsa de São Paulo (Bovespa) caiu 8,61%.

## OUTUBRO DE 1998

O governo envia ao Congresso o pacote do ajuste fiscal e exige dos governos estaduais controle dos gastos públicos. Em compensação, empeira a aprovação da reforma da Previdência, o que provoca pessimismo em relação ao controle do déficit público.

## NOVEMBRO DE 1998

No dia 13, foi fechado o acordo com o FMI. O Brasil teria US\$ 41,5 bilhões à disposição para usar no caso da crise internacional se agravar. Para ter acesso a esse dinheiro, o governo brasileiro se comprometeu a cumprir todas as metas definidas no programa de estabilidade fiscal enviado ao Congresso no final de outubro. Por que o governo mudou tanto o discurso e decidiu pedir ajuda ao Fundo? Porque não tinha outra saída. A moratória da Rússia colocou o mundo em alerta e o Brasil na mira dos especuladores. Com uma dívida interna de mais de R\$ 300 bilhões e um déficit nas contas públicas de 7% do Produto Interno Bruto (PIB), equivalente a R\$ 61 bilhões, o país tornou-se o que os mercados costumam chamar de *bola da vez*, candidato natural a um ataque especulativo. Desconfiados da capacidade de o Brasil honrar suas dívidas interna e externa, os investidores deixaram o país. O resultado foi uma perda de reservas recorde de US\$ 22 bilhões em apenas um mês.

## JANEIRO DE 1999

No dia 1º, Fernando Henrique toma posse como presidente da República pela segunda vez. Dias depois, o governador de Minas Gerais, Itamar Franco, anuncia uma moratória de três meses no pagamento da dívida do estado com a União — que havia assumido débitos não só de Minas, mas de outros estados, que se beneficiaram com juros mais baixos que o de mercado e um prazo maior de pagamento. Nenhum governador seguiu Itamar, mas em compensação exigiram do governo redução dos juros e a renegociação das próprias dívidas. A moratória mineira derrubou as bolsas no Brasil e no exterior.